

Mercado S/A

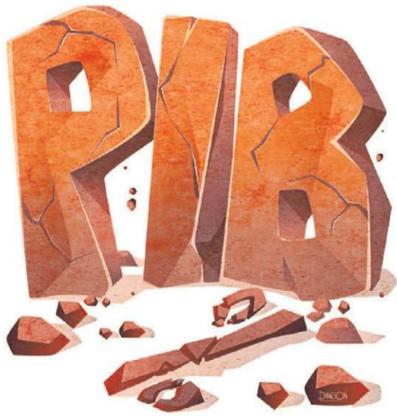


AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

« Sem o esforço de todos, o país continuará a desperdiçar seu potencial econômico, sufocar o setor produtivo e comprometer o bem-estar da população »

Alta criminalidade trava o crescimento do Brasil

O Brasil vive uma epidemia de insegurança que se alastra das grandes às pequenas cidades e que provoca graves danos à economia do país. Segundo um estudo realizado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o PIB brasileiro poderia crescer 0,6 ponto percentual a mais se a criminalidade recuasse para a média mundial. No entanto, estamos muito distantes disso — em algumas regiões, os índices de violência figuram entre os mais altos do mundo. Outro levantamento aponta as perdas para as empresas: a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomércioSP) calcula que as companhias instaladas em território paulista deixam de faturar R\$ 60 bilhões por ano em decorrência da violência. O que preocupa é a incapacidade das autoridades — sejam federais, estaduais ou municipais — de enfrentar o problema. Sem o esforço de todos, o país continuará a desperdiçar seu potencial econômico, sufocar o setor produtivo e comprometer o bem-estar da população.



Com US\$ 107 bilhões em vendas, BYD supera Tesla

Enquanto a americana Tesla enfrenta boicotes, a chinesa BYD acelera com força: em 2024, a empresa faturou US\$ 107 bilhões, superando pela primeira vez a Tesla, que teve receitas de US\$ 97,7 bilhões no mesmo período. No ano passado, a companhia chinesa vendeu 1,76 milhão de veículos 100% elétricos, aproximando-se das 1,79 milhão de unidades comercializadas pela concorrente dos Estados Unidos. Entre os modelos híbridos, a BYD lidera o mercado, com 4,27 milhões de veículos vendidos.

Nike perde fôlego e vê ações despencarem com crise de inovação

Após anos no topo da indústria esportiva, a Nike enfrenta uma crise de identidade. Nos últimos doze meses, a cotação das ações da empresa caiu 30%, atingindo o menor nível em cinco anos, como efeito direto da queda nas vendas. O que aconteceu com a marca que já ditou o ritmo do mercado? A entrada de novos concorrentes é um desafio. Para especialistas, contudo, o que falta à companhia que criou o icônico tênis Air Jordan é retomar sua capacidade de inovar, algo que se perdeu nos últimos anos.



Guedes e Montezano criam fundo para desenvolver mercado de motos elétricas

Paulo Guedes, ex-ministro da Economia, e Gustavo Montezano, ex-presidente do BNDES, apostam alto no mercado de motos elétricas. A gestora Yvy, criada pela dupla, lançou um fundo que pretende captar recursos para o setor. Chamado de Fundo FIP Yvy Fábrica de Negócios, ele mira levantar US\$ 50 milhões. O objetivo é estruturar projetos que ampliem as vendas anuais de motos elétricas de 7 mil para 600 mil até 2035, desenvolvendo áreas como produção e recarga de baterias.

US\$ 5,3 bilhões

é quanto a fabricante chinesa de eletrônicos Xiaomi planeja investir para expandir seu negócio de carros elétricos. Os asiáticos estão revolucionando o segmento de veículos movidos a eletricidade.

Podemos nos surpreender positivamente com a inflação deste ano"

Fernando Haddad, ministro da Fazenda, apostando na safra recorde como um fator que reduzirá os preços dos alimentos.

CONJUNTURA Haddad avalia que o comportamento do câmbio deve contribuir para o arrefecimento dos preços. Ministro admitiu a possibilidade de ajustes na meta fiscal, como ocorreu no ano passado, mas reforçou compromisso com o arcabouço

Inflação pode surpreender

» RAPHAEL PATI

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, demonstrou estar confiante com a trajetória dos preços no Brasil e destacou que todos podem se "surpreender positivamente" com a inflação deste ano.

O chefe da equipe econômica atribuiu as expectativas ao comportamento do câmbio. "Até em virtude do que a geopolítica está nos reservando, que penso que é o oposto do que está sendo projetado", disse durante um evento promovido ontem pelo jornal *Valor Econômico*, em São Paulo.

"O dólar se fortaleceu muito no ano passado no mundo inteiro, mais um pouco no Brasil, agora este ano começa a acomodar em uma patamar mais ou menos condizente com os nossos pares, ainda está um pouco fora, então eu não acredito que essa má surpresa que

tivemos no ano passado vai se repetir para o Brasil", acrescentou o ministro.

Na semana passada, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central elevou a taxa básica de juros da economia, a Selic, para 14,25% ao ano, em um movimento para conter a inflação no país, que em 2024 acumulou 4,83% nos 12 meses do ano. Segundo Haddad, o cenário macroeconômico deve favorecer as projeções para este ano, além de auxiliar o trabalho do Banco Central em conter a inflação pelo lado da política monetária.

Apesar disso, o ministro se esquivou ao tentar prever o patamar da Selic ao final do ano. "É difícil dizer, porque é até constrangedor fazer esse tipo de projeção", disse. "O que eu entendo é que hoje nós temos alguma razão para otimismo neste ano. Não sei o que vai ser possível em termos de margem de manobra, grau de liberdade, não posso antecipar. Mas eu

Diogo Zacarias



Haddad sobre meta fiscal: "Nós vamos perseguir porque a gente entende que é necessário"

acredito que nós vamos ter uma margem de manobra um pouquinho maior do que está sendo previsto", completou.

Arcabouço fiscal

Sobre a manutenção do arcabouço fiscal, aprovado em 2023,

o ministro disse que não pretende mudar a "arquitetura" da regra, apesar de reconhecer que podem ser feitos ajustes, como o que

ocorreu no ano passado, quando o governo decidiu "afrouxar" a meta.

"Ninguém discorda que você vai ter que fazer ajustes na máquina. Você está pilotando um carro, você não vai até o seu destino sem parar em uma mecânica, em um posto de gasolina, você vai ter que fazer reparos na máquina para ela andar bem. Mas eu penso que, do ponto de vista da arquitetura, eu estou confortável com o modelo atual", avaliou.

Haddad reforçou ainda que o governo continuará perseguindo as metas que foram estabelecidas no arcabouço e que o ambiente criado nos últimos dois anos tem rendido bons resultados. "Nós vamos perseguir (a meta), porque a gente entende que é necessário. Não estamos fazendo concessão teórica e política a ninguém. É uma convicção minha de que isso é muito importante e eu tenho o aval do presidente para perseguir, com as dificuldades que ele conhece, que não são pequenas", concluiu.

BOLETIM FOCUS

Mercado mais otimista

A previsão de agentes do mercado financeiro consultados pelo Boletim Focus também se mostrou mais otimista em relação à inflação e ao câmbio para 2025. De acordo com o relatório semanal, publicado ontem pelo Banco Central (BC), a mediana das projeções indica que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) neste ano foi reduzida de 5,66% para 5,65%.

A estimativa sobre a inflação, que manteve uma trajetória de alta no início deste ano, agora se mantém estável, com uma ligeira queda. Na avaliação do economista e professor da Universidade de Brasília (UnB) César Bergo, esse movimento decorre da perspectiva de redução de preços dos alimentos, além da estabilidade no preço do transporte e da energia elétrica, que na visão do

especialista, não deve comprometer mais o índice.

"Em fevereiro, teve a saída do benefício de Itaipu. E também a sazonalidade da educação também não deve comprometer os próximos índices. Então, a expectativa de inflação para o final de um ano é um pouco menor, mas continua ainda preocupante", considera o professor. Nesta semana, os investidores

ficam atentos a novos dados da inflação que serão publicados nos próximos dias. No próximo dia 27, está prevista a divulgação do IPCA-15, com dados levantados até a primeira quinzena de março. Já no dia seguinte, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) publica o Índice Geral de Preços — Mercado (IGP-M) com dados do mês atual.

Já em relação ao câmbio, o mercado espera um dólar menos valorizado ao final do ano com a teoria do 'Trump Trade' perdendo força, à medida que as ações

do presidente dos EUA se refletem em dados econômicos mais fracos no país. Diante disso, a mediana das estimativas, segundo o Focus, passou de R\$ 5,98, na publicação anterior, para R\$ 5,95 neste último relatório.

"Já esperávamos que houvesse essa queda do dólar, porque ele foi altamente influenciado pela especulação, em função da posse do novo presidente dos Estados Unidos. A previsão do mercado é que ele vai continuar próximo a R\$ 6, mas vai ter um comportamento mais equilibrado.

Isso é importante porque também impacta preços importados, sobretudo aqueles que impactam a inflação como o trigo e o combustível", avalia Bergo.

Sobre a atividade econômica, o mercado reduziu levemente a previsão para o Produto Interno Bruto (PIB) de 2025, com a mediana das estimativas passando de 1,99% para um crescimento de 1,98% neste último boletim. Enquanto isso, a expectativa para a taxa básica de juros permanece inalterada, no patamar de 15% ao ano. (RP)